

# A FORMAÇÃO DO DITONGO CRESCENTE ENTRE PALAVRAS EM PORTUGUÊS BRASILEIRO: UM ESTUDO-PILOTO

Táise SIMIONI

Professora Doutora da Universidade Federal do Pampa  
E-mail: taise.simioni@unipampa.edu.br

## Resumo

O presente estudo investiga a formação do ditongo crescente entre palavras em Português Brasileiro (PB), como em *febre amarela*, que pode se realizar como *febr[ja]marela*. Dados obtidos a partir da leitura de textos foram analisados acusticamente. Foi possível observar a atuação do acento primário e do acento principal na realização do fenômeno sob análise. Nos contextos em que a segunda vogal de uma sequência entre palavras é portadora do acento primário, houve uma inibição à formação do ditongo crescente. O mesmo ocorreu nos contextos em que a segunda vogal porta o acento principal. Além disso, foi possível verificar que a classe morfossintática das palavras envolvidas desempenha um papel na formação do ditongo crescente entre palavras. Destaca-se o fato de que tal formação é inibida quando a segunda palavra de uma sequência é uma palavra lexical, independentemente da classe a que pertença a primeira palavra (palavra lexical, palavra funcional com acento ou clítico). Desta forma, obteve-se um quadro em que são apontadas tendências de realização do ditongo crescente entre palavras em PB.

## Palavras-chave

ditongo crescente; variação linguística; Português Brasileiro

## Introdução

A alternância entre vogal e glide e a natureza deste último são questões que despertam interesse entre foneticistas e fonólogos ao redor do mundo. O espanhol, por exemplo, é uma língua sobre a qual há bastante discussão no que diz respeito a tais assuntos. Análises como as de Roca (1997), Aguilar (1999), Harris e Kaisse (1999) e Hualde e Prieto (2002) podem ser citadas como alguns exemplos. Há também muitas pesquisas em que a discussão é feita de uma maneira mais geral, sem um foco sobre uma língua específica. Podemos citar como exemplos Hume (1994), Rosenthal (1994, 1997), Levi (2004), Nevins e Chitoran (2008) e Padgett (2008). No que diz respeito ao português brasileiro (PB), entretanto, essa abundância de pesquisas não é verificada.

Quando fazemos um recorte e buscamos análises de sequências de segmentos de sonoridade crescente, como *ia*, em que o primeiro segmento pode se realizar como glide em PB, a escassez de literatura é ainda mais sentida. Os autores, de maneira geral, limitam-se a afirmar que há variação livre entre o ditongo crescente e o hiato. A falta de estudos cujo foco seja esta alternância talvez explique o equívoco observado em Chitoran e Hualde (2007), que analisam a evolução de sequências de vogais de sonoridade crescente em quatro línguas - romeno, espanhol, francês e português (tanto o europeu quanto o brasileiro). Os autores afirmam que o PB é uma língua em que há um predomínio de hiato na realização destas sequências. A fonte desta informação é uma obra de 1947. Claramente, nos dias de hoje, o predomínio do hiato em PB neste contexto não é uma realidade.

O objeto de nossa pesquisa é a ocorrência do ditongo crescente em PB entre palavras (*febre amarela*), levando em consideração estruturas prosódicas maiores, como a palavra fonológica e a frase fonológica. Na presente análise, observamos, então, a influência da organização prosódica dos dados. Em trabalhos anteriores (Simioni, 2002, 2005, 2008), que se restringiram ao contexto de interior de palavra, foi possível observar que a formação do ditongo é desfavorecida no início (absoluto ou não) de palavra. Com a nova coleta que apresentamos aqui, baseada em uma análise acústica dos dados, verificaremos se estruturas prosódicas maiores, como a organização das palavras fonológicas em frases fonológicas, exercem papel na formação do ditongo crescente. Bisol (2003) mostra que processos de elisão e degeminação entre palavras são bloqueados quando a segunda vogal da sequência possui acento principal (*compra ovos* → \**compr[ó]vos*, mas *compro ovos vermelhos* → *compr[ó]vos vermelhos*; *como uvas* → \**com[u]vas*, mas *como uvas maduras* → *com[u]vas maduras*). A autora afirma que esse bloqueio não ocorre no processo de ditongação. Mesmo que este bloqueio não ocorra, é possível imaginar que o acento principal tenha algum papel na formação do ditongo crescente entre palavras. Verificaremos, assim, se o fato de a segunda vogal da sequência portar acento principal desfavorece ou não a formação do ditongo. Observaremos, também, a atuação do acento primário. Além disso, verificaremos se a classe morfossin-

tática a que pertencem as palavras envolvidas exerce algum papel na formação do ditongo crescente entre palavras em PB.

### 1. Constituição da amostra

As análises mencionadas anteriormente (Simioni, 2002, 2005, 2008) foram feitas a partir da oitava dos dados, retirados de entrevistas do banco de dados do projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana no Sul do País). Os resultados referem-se à formação do ditongo crescente no interior das palavras. Para a realização da análise que expomos aqui, fez-se necessária uma nova coleta de dados, tendo em mente o objetivo de discutir a formação do ditongo crescente entre palavras, a partir de uma análise acústica dos dados.

Esta nova coleta foi feita através da leitura de dois textos, que se encontram em anexo. A opção pela leitura de textos deve-se ao fato de esta ser uma maneira de obter todos os contextos desejados com um número equilibrado de dados, diferentemente do que ocorreria se os dados fossem obtidos através de uma entrevista. No lugar de frases, optou-se por textos para que a leitura pudesse atingir uma naturalidade maior e para que os falantes não detivessem sua atenção sobre os alvos da pesquisa.

Os textos foram escritos levando em consideração a necessidade de que contivessem os contextos apresentados em (1). Cada contexto é ilustrado com uma frase retirada dos próprios textos. Os colchetes delimitam uma frase fonológica. Em (1), PL = palavra lexical, CL = palavra funcional sem acento, ou seja, clítico e PF = palavra funcional com acento.

(1)

	Com acento principal na 2ª palavra	Sem acento principal na 2ª palavra
1. PL + PL	Todos os dias ele come [alho.] Sempre que ela come [amora.]	Na verdade, ele come [alho esmagado.] ... nem quando ela come [amoras docinhas.]
2. CL + PL	Ele disse que [me ama.] Ele disse que [me amava.]	Ele disse que [me ama muito.] Ele disse que [me amava muito.]
3. PF + PL	Todos olharam [para aquele árabe.] O pintor escolheu [aquele azul] porque quis.	Todos olham [para aquele árabe estranho.] O pintor escolheu [aquele azul cintilante] porque quis.
4. PL + CL	Ele come a primeira coisa que encontra na geladeira.	
5. PL + PF	Tenho um amigo que sempre come alguma coisa quando está ansioso.	

Para realizar esta etapa de análise acústica, optamos por observar a sequência *ia*. Para nossa análise, só serão considerados aqueles dados em que a

vogal média final postônica é elevada, situação em que a formação do ditongo crescente é possível<sup>1</sup>.

A sequência *ia* foi selecionada para realizarmos a análise acústica em função de estes dois segmentos apresentarem uma configuração, em termos de formantes, bastante distinta, o que torna o reconhecimento de cada um mais fácil. Conforme Ladefoged (1982), a análise feita por um espectrograma mostra os formantes que constituem as vogais. O primeiro formante (F1) é capaz de distinguir as vogais com relação a sua altura: a frequência de F1 é inversamente proporcional à altura de uma vogal. No caso de *ia*, considerando que [i] é, juntamente com [u], a vogal mais alta do PB e que [a] é a vogal mais baixa do PB, os valores de frequência de F1 serão maximamente diferentes. É interessante observar que, segundo Godínez Jr. (1981), a vogal [i] do PB pode apresentar frequências de F1 mais baixas do que as da vogal [u]<sup>2</sup>. A diferença entre o segundo formante (F2) e F1 distingue as vogais no que diz respeito a sua anterioridade/posterioridade. F1 e F2 estão mais afastados em vogais anteriores e mais próximos em vogais posteriores. A vogal anterior [i] apresentará, portanto, uma distância entre F1 e F2 maior do que aquela apresentada entre F1 e F2 da vogal não-anterior [a].

De acordo com autores como Hualde e Prieto (2002) e Aguilar (1999), que analisaram dados do espanhol, o correlato acústico mais claro da formação do ditongo é a duração das vogais. Em nossa análise, apoiando-nos em tais autores, partiremos do pressuposto de que duas vogais em sequência, entre palavras, apresentarão uma duração total maior no caso de estarem em sílabas distintas, ou seja, se formarem hiato, e apresentarão uma duração total menor no caso de constituírem uma única sílaba, ou seja, se houver a formação de um ditongo<sup>3</sup>.

Passemos à discussão de nossas hipóteses. Casali (1997) analisa línguas em que o encontro de duas vogais entre palavras (uma palavra que termina com vogal e outra que inicia com vogal) é desfeito através do apagamento de uma delas. O objetivo do autor é explicar como as línguas “decidem” qual vogal apagar. Uma tendência observada é a de que vogais em início de palavra resistam mais ao apagamento. Segundo Casali, as línguas fazem mais esforço para preservar material fonológico em contextos mais salientes<sup>4</sup>.

É possível pensar na atuação do acento primário a partir desta perspectiva. Como pode ser observado em (1), todas as células, com exceção dos con-

<sup>1</sup> Vieira (2002) apresenta um peso relativo de 0,99 para a elevação da vogal média final postônica em Porto Alegre; trata-se, portanto, de uma elevação praticamente categórica.

<sup>2</sup> Godínez Jr. (1981) analisou dados de falantes de São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia.

<sup>3</sup> No que diz respeito à análise de vogais portadoras de acento, seria importante considerar o fato de que vogais acentuadas tendem a ser mais longas. Entretanto, desconhecemos estudos que apresentem parâmetros confiáveis sobre a diferença de duração entre vogais tônicas e átonas em PB. Por este motivo, neste trabalho, não levaremos em consideração as diferenças de duração desta natureza entre tais vogais.

<sup>4</sup> Esta hipótese é defendida, por exemplo, por Beckman (1998).

textos em 4. e 5., apresentam duas frases. A diferença entre elas é o fato de que, em uma delas, a segunda vogal da sequência sob análise carrega o acento primário, enquanto na outra não, como em *come alho* em oposição a *come amora*. Nosso objetivo com esta distinção é verificar se a presença de acento primário na segunda vogal desfavorece a formação do ditongo<sup>5</sup>. É possível que isto ocorra, uma vez que sílabas acentuadas, assim como o contexto de início de palavra, constituem uma estrutura proeminente. Desta forma, pode haver uma pressão para que uma sílaba acentuada não tenha sua estrutura alterada com a formação do ditongo, a partir da qual a sílaba final de uma palavra e a sílaba inicial de outra palavra passam a constituir uma única sílaba, como em *com[ja]lho*.

Segundo Bisol (2003), como vimos, os processos de elisão e degeminação entre palavras são bloqueados quando a segunda vogal carrega acento principal. Os dados em (2i) mostram que a elisão (EL) e a degeminação (DE) não ocorrem se a segunda vogal possui acento principal. Em (2ii), observamos que EL e DE podem ocorrer uma vez que a segunda vogal já não carrega mais o acento principal. Em princípio, *ovos* e *uvas* pertenceriam a frases fonológicas distintas em relação a *grandes* e *maduras*, respectivamente, e continuariam, portanto, a carregar o acento das frases fonológicas de que seriam núcleo. Entretanto, segundo Nespor e Vogel (1986), existe a possibilidade de uma frase fonológica se expandir e incluir uma frase fonológica não-ramificada à sua direita, no caso do PB. Este processo de reestruturação, então, torna *ovos grandes* e *uvas maduras* frases fonológicas únicas, cujos núcleos são, respectivamente, *grandes* e *maduras*. Os dados são de Bisol (2003, p. 192).

(2i)

*compra ovos → compr[ó]vos	EL
*com[u] uvas → comuvas	DE

(2ii)

compra ovos grandes → compr[ó]vos grandes	EL
com[u] uvas maduras → comuvas maduras	DE

Conforme Bisol (2003, p. 198), a formação do ditongo “não é bloqueada quando a segunda vogal carrega o acento que é o mais forte de sua frase fonológica”. A organização dos dados mostrada em (1) revela que um de nossos objetivos é verificar a atuação do acento principal na segunda vogal de uma sequência na formação do ditongo crescente. Nossa hipótese é a de que, em contextos em que a segunda vogal não carrega o acento principal, haverá uma incidência maior de ditongação.

<sup>5</sup> Bisol (2002) analisou os processos de sândi externo em PB a partir de dados do projeto NURC (Norma Urbana Culta). No que diz respeito à ditongação, a respeito da qual não houve a distinção entre ditongo crescente e decrescente, a autora mostrou que há uma preferência pelo ditongo quando as duas vogais em sequência são átonas, em oposição a contextos em que há uma vogal alta átona e uma vogal tônica, independentemente de sua ordem.

A fim de obter um quadro mais completo sobre a formação do ditongo crescente em PB, verificaremos se palavras lexicais, clítics e palavras funcionais com acento apresentam um comportamento diferenciado em relação ao fenômeno estudado aqui. Turk e Shattuck-Hufnagel (2000) mostram que parece haver uma fronteira mais fraca antes e depois de uma palavra funcional em comparação com a fronteira antes e depois de uma palavra lexical. Analisando trios como *tune acquire*, *tuna choir* e *tune a choir*, as autoras verificaram que [kwair] em *tune a choir* tem uma duração intermediária entre aquela observada em *tune acquire* e *tuna choir*. A sequência [kwair] em *tuna choir* se encontra no início de uma palavra, de maneira a haver contexto para o fortalecimento em início de palavra, ao contrário do que ocorre em *tune acquire*. Já em *tune a choir*, a sequência [kwair] não se comporta como se estivesse em início de palavra, mas, ao mesmo tempo, parece haver uma fronteira diante dela, com a diferença de que esta fronteira é mais fraca do que a de uma palavra lexical. Se os resultados de Turk e Shattuck-Hufnagel (2000) se aplicarem ao PB, no sentido de que a fronteira entre duas palavras lexicais é mais forte do que aquela em que há uma palavra funcional envolvida, nossa hipótese é a de que clítics e palavras funcionais com acento apresentam um comportamento diferente de palavras lexicais no processo de formação do ditongo crescente. Esperamos, então, que a fronteira entre duas palavras lexicais desfavoreça a formação do ditongo crescente.

Em (1), os contextos em 4. e 5. não estão divididos conforme a presença ou a ausência de acento principal na segunda palavra em função de clítics e palavras funcionais com acento não constituírem núcleo de uma frase fonológica.

Cabe, neste momento, uma observação sobre esta coleta de dados. Não temos dados prévios de oitiva que apontem para tendências de realização de sequências vocálicas de sonoridade crescente entre palavras<sup>6</sup>. Desta forma, os dados neste contexto serão analisados a partir do pressuposto de que sequências de duração mais longa apontam para a ocorrência de hiato, enquanto sequências de duração mais curta indicam a ocorrência de ditongo. Ainda precisamos discutir a relação entre contextos em que a duração é maior e a realização do hiato, ou seja, precisamos discutir se hiatos são, por natureza, mais longos ou se um contexto mais longo favorece a percepção de um hiato. Reiteramos o fato de que, embora essa discussão deva ser feita, não a faremos neste momento.

## 2. Análise dos dados

Nesta seção, apresentaremos os resultados de um teste realizado com cinco informantes. Trata-se de cinco estudantes do curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com idades que variam entre 20 e 26 anos.

<sup>6</sup> Além de Bisol (2002) analisar a formação do ditongo de maneira geral, sem a distinção entre ditongo crescente e decrescente, não há uma correspondência entre as variáveis analisadas pela autora e os contextos por nós observados, o que não permite que estabeleçamos uma comparação entre os dois estudos.

Dois informantes são do sexo masculino e três são do sexo feminino. Aos informantes foi solicitado que lessem três vezes cada um dos textos mencionados anteriormente. A instrução dada foi a de que lessem em seu ritmo normal de fala e com a maior naturalidade possível, de maneira a aproximarem-se maximamente de uma fala espontânea. Todas as leituras foram gravadas, mas os resultados mostrados abaixo dizem respeito à terceira leitura de cada texto, por acreditarmos que nesta os informantes atinjam uma maior naturalidade na fala. Os dados retirados da terceira leitura foram submetidos a uma análise acústica feita através do *software* Praat (Boersma e Weenink, 2008).

Para a análise cujos resultados são mostrados na sequência, alguns dados tiveram de ser excluídos. Estas exclusões se deveram, basicamente, a três razões: (i) incompreensão do que é produzido pelo falante; (ii) produção de uma sequência diferente da que consta nos textos, de maneira a eliminar os contextos sob análise; e (iii) ausência de reestruturação prosódica nos casos em que ela era esperada, porque houve, por exemplo, pausa entre as frases fonológicas relevantes.

A Figura 1 mostra os resultados obtidos para a influência do acento primário na formação do ditongo crescente. Foram observados os dados com acento primário na segunda vogal de uma sequência (como em *come alho*), em oposição a dados em que a segunda vogal não é portadora de tal acento (como em *come amora*). Como podemos ver, em conformidade com nossas expectativas, a presença deste acento na segunda vogal parece desfavorecer a formação do ditongo<sup>7</sup>. Na Figura 1 e nas figuras seguintes, *ap* corresponde a “acento primário”, e *AP* representa “acento principal”.

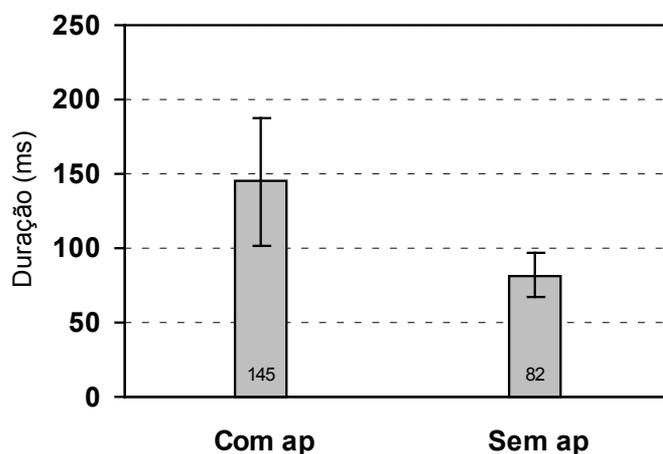


Figura 1 – Valores médios de duração e valores de desvio padrão da sequência *ia* entre palavras, nos contextos em que a segunda vogal possui acento primário e nos contextos em que a segunda vogal não possui acento primário.

<sup>7</sup> Em conformidade com a nota 3, este resultado precisa ser relativizado uma vez que não temos como verificar se as diferenças de duração apresentadas se devem mais à tonicidade das vogais envolvidas do que à formação ou não do ditongo.

Uma vez que a presença do acento principal na segunda vogal de uma sequência bloqueia os processos de elisão e de degeminação, como vimos anteriormente, nossa hipótese era a de que a presença deste acento na segunda vogal nos contextos sob análise pudesse desfavorecer a formação do ditongo. Na Figura 2, interessam-nos os dados da primeira e da terceira coluna, porque são eles que revelam a duração das sequências que contêm vogais portadoras de acento primário que pode coincidir ou não com o acento principal (como em *come alho*, em oposição a *come alho esmagado*). Esta figura nos mostra que o acento principal exerce papel na realização do ditongo crescente. Como pode ser observado, as sequências em que a segunda vogal é portadora tanto do acento principal quanto do acento primário apresentam uma duração maior, o que indica uma preferência pelo hiato, em oposição a sequências em que a segunda vogal carrega o acento primário, mas não o principal. A pequena diferença entre os resultados da segunda e da quarta coluna indica que a presença do acento principal na segunda palavra é irrelevante se a segunda vogal da sequência sob análise não for a portadora do acento primário (como em *come amora*, em oposição a *come amoras docinhas*).

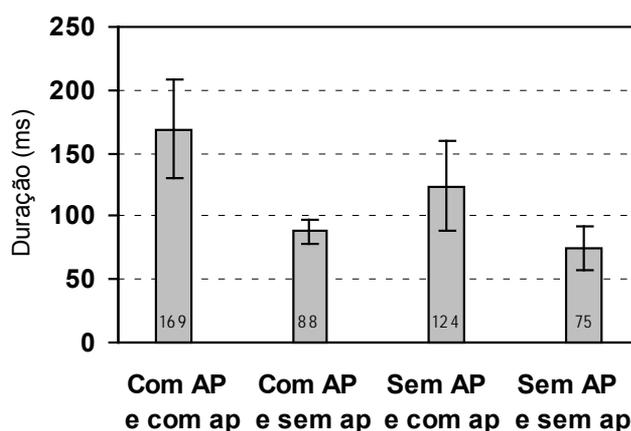


Figura 2 – Valores médios de duração e valores de desvio padrão da sequência *ia* entre palavras, nos seguintes contextos: (i) segunda palavra com acento principal e segunda vogal com acento primário; (ii) segunda palavra com acento principal e segunda vogal sem acento primário; (iii) segunda palavra sem acento principal e segunda vogal com acento primário; e (iv) segunda palavra sem acento principal e segunda vogal sem acento primário.

Com relação à natureza morfossintática das palavras envolvidas (palavra lexical, clítico ou palavra funcional com acento), nossa hipótese era a de que haveria um comportamento diferenciado em razão de evidências de que a fronteira entre uma palavra funcional e uma palavra lexical é mais fraca do que a fronteira entre duas palavras lexicais. Esta hipótese não se confirmou quando clíticos e palavras funcionais com acento ocupam a posição de primeira palavra, pois a sequência *ia* apresentou durações médias muito próximas nos contextos de palavra lexical + palavra lexical (como em *come alho*), clítico

+ palavra lexical (como em *me ama*) e palavra funcional com acento + palavra lexical (como em *aquele árabe*), como mostra a Figura 3. Entretanto, como mostra a Figura 4, quando clíticos e palavras funcionais com acento constituem a segunda palavra de uma sequência (como em *come a primeira coisa* e *come alguma coisa*, respectivamente), as durações são bastante reduzidas, o que aponta para um favorecimento da formação do ditongo. A Figura 4 mostra os resultados para sequências de palavra lexical + clítico ou palavra funcional com acento. Este gráfico é o único em que os dados das sequências 4. e 5. de (1) foram incluídos. Tais resultados parecem apontar para o fato de que, para a realização das sequências sob análise, interessa apenas a classe morfossintática da segunda palavra: se esta for uma palavra lexical, haverá uma preferência pela não formação do ditongo crescente, independentemente da classe morfossintática da primeira palavra. No caso de a segunda palavra ser uma palavra funcional, a preferência pelo ditongo se estabelece. Desta forma, podemos pensar em uma questão de alinhamento, a partir da perspectiva de McCarthy e Prince (1993). Se, entre duas palavras em sequência, ocorre a formação do ditongo, a borda esquerda (relativa à palavra fonológica) da segunda palavra é modificada: (come) $\omega$  (alho) $\omega \rightarrow$  (comjalho) $\omega$ , de maneira a haver um desalinhamento entre a borda esquerda da palavra lexical e a borda esquerda da palavra fonológica. Assim, a partir dos resultados obtidos, parece haver uma preferência por se preservar a borda esquerda das palavras lexicais, em oposição à borda esquerda das palavras funcionais.

As Figuras 5, 6 e 7 mostram a atuação do acento principal em combinação com a classe morfossintática das palavras envolvidas. Como pode ser observado nas Figuras 5 e 6, os valores médios de duração não são muito diferentes daqueles apresentados na Figura 2, que analisa as palavras em geral. Isto significa que, nas combinações entre duas palavras lexicais (Fig. 5) e entre clítico e uma palavra lexical (Fig. 6), a presença de acento principal na segunda vogal da sequência, desde que esta vogal seja portadora do acento primário, parece inibir a formação do ditongo (como em *come alho*, em oposição a *come alho esmagado*; e *me ama*, em oposição a *me ama muito*). Mais uma vez, a presença de acento principal na segunda palavra mostra-se irrelevante se a segunda vogal de uma sequência não porta o acento primário, como pode ser observado comparando-se a segunda e a quarta coluna das Figuras 5 e 6 (*come amora*, em comparação com *come amoras docinhas*; e *me amava*, em comparação com *me amava muito*).

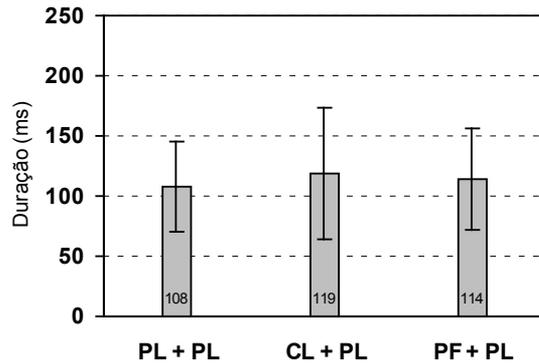


Figura 3 – Valores médios de duração e valores de desvio padrão da sequência *ia* entre palavras, nos seguintes contextos: (i) palavra lexical + palavra lexical; (ii) clítico + palavra lexical; e (iii) palavra funcional com acento + palavra lexical.

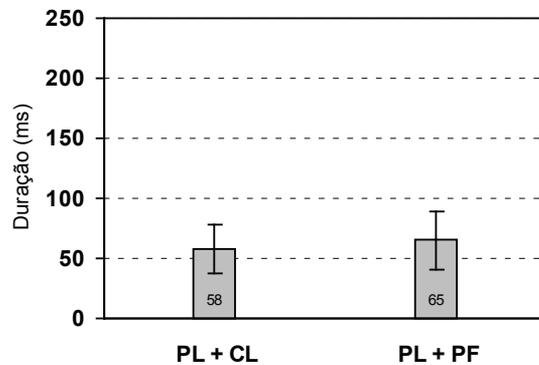


Figura 4 – Valores médios de duração e valores de desvio padrão da sequência *ia* entre palavras, nos seguintes contextos: (i) palavra lexical + clítico e (ii) palavra lexical + palavra funcional com acento.

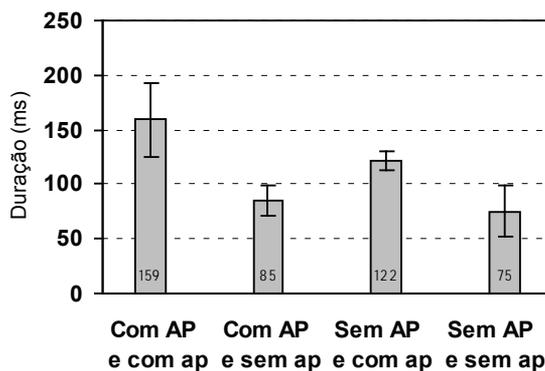


Figura 5 – Valores médios de duração e valores de desvio padrão da sequência *ia* entre duas palavras lexicais, nos seguintes contextos: (i) segunda palavra com acento principal e segunda vogal com acento primário; (ii) segunda palavra com acento principal e segunda vogal sem acento primário; (iii) segunda palavra sem acento principal e segunda vogal com acento primário; e (iv) segunda palavra sem acento principal e segunda vogal sem acento primário.

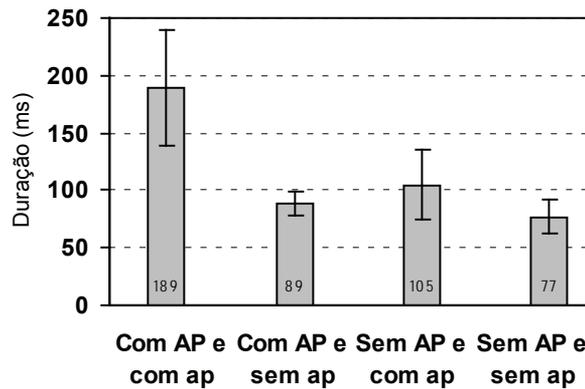


Figura 6 – Valores médios de duração e valores de desvio padrão da sequência *ia* entre um clítico e uma palavra lexical, nos seguintes contextos: (i) segunda palavra com acento principal e segunda vogal com acento primário; (ii) segunda palavra com acento principal e segunda vogal sem acento primário; (iii) segunda palavra sem acento principal e segunda vogal com acento primário; e (iv) segunda palavra sem acento principal e segunda vogal sem acento primário.

Os números apresentados na Figura 7 mostram um resultado inesperado no caso de sequências de palavra funcional com acento e palavra lexical. Neste caso, a presença de acento principal na segunda palavra mostra-se irrelevante, como pode ser observado na comparação entre a primeira e a terceira coluna, que apresentam os dados em que a segunda vogal carrega o acento primário (*aquele árabe*, em oposição a *aquele árabe estranho*). Embora a idiosincrasia recém descrita seja interessante, não tentaremos, neste momento, esboçar uma explicação para ela.

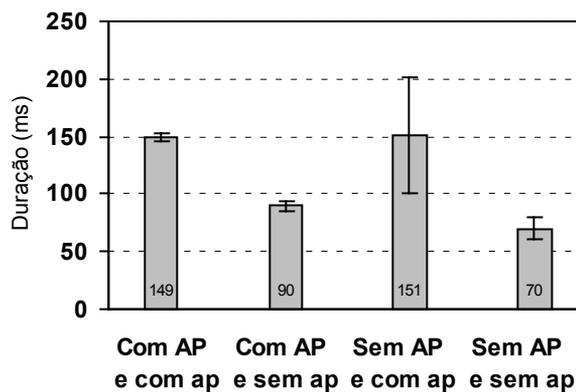


Figura 7 – Valores médios de duração e valores de desvio padrão da sequência *ia* entre uma palavra funcional com acento e uma palavra lexical, nos seguintes contextos: (i) segunda palavra com acento principal e segunda vogal com acento primário; (ii) segunda palavra com acento principal e segunda vogal sem acento primário; (iii) segunda palavra sem acento principal e segunda vogal com acento primário; e (iv) segunda palavra sem acento principal e segunda vogal sem acento primário.

## Considerações finais

Os resultados aqui apresentados foram obtidos a partir de um estudo-piloto que buscou compreender melhor a formação do ditongo crescente entre palavras em PB. Ainda que este estudo precise de alguns ajustes e necessite ser replicado com um número maior de informantes, algumas informações importantes puderam ser extraídas, como a atuação do acento primário e do acento principal e o papel da classe morfossintática das palavras envolvidas.

Com relação ao acento primário, foi possível perceber que sua presença na segunda vogal de uma sequência entre palavras inibe a formação do ditongo crescente. Este resultado era esperado, uma vez que sílabas portadoras de acento primário constituem estruturas proeminentes nas línguas, de maneira que processos fonológicos são ali evitados. A formação do ditongo crescente nos contextos sob análise provoca uma reestruturação silábica que parece ser evitada se a segunda sílaba é portadora de acento primário.

O acento principal também demonstrou desempenhar um papel relevante na formação do ditongo crescente entre palavras. Embora sua presença na segunda sílaba de uma sequência não bloqueie a formação do ditongo, ela claramente desfavorece tal formação.

No que diz respeito à classe morfossintática das palavras envolvidas, foi possível observar que há uma inibição à formação do ditongo crescente quando a segunda palavra de uma sequência é uma palavra lexical, independentemente da classe morfossintática da primeira palavra.

Por fim, no que se refere à relação entre acento principal e classe morfossintática, analisamos apenas os contextos em que a segunda palavra é uma palavra lexical, uma vez que somente esta pode carregar o acento principal de uma frase fonológica. Assim, contextos em que palavras lexicais e clítics ocupam a primeira posição de uma sequência se comportaram como as palavras em geral: houve uma inibição à formação do ditongo quando a segunda vogal da sequência porta o acento principal. Este mesmo padrão não foi observado quando a primeira palavra da sequência pertence à classe das palavras funcionais com acento. Neste contexto, a presença de acento principal na segunda vogal não se mostrou como inibidora da formação do ditongo crescente.

Desta forma, obteve-se um quadro mais esclarecedor sobre a formação do ditongo crescente entre palavras em PB, o que pode apontar caminhos para estudos futuros sobre o assunto. ☒

SIMIONI, T. THE FORMATION OF RISING DIPHTHONG BETWEEN WORDS IN BRAZILIAN PORTUGUESE: A PILOT STUDY

### Abstract

*In this study, we will investigate the production of rising diphthong between*

words in Brazilian Portuguese (BP), such as “febre amarela” that can occur as “febr[ja]marela”. Data collected through the reading of texts were analyzed acoustically. In this sense, it was possible to observe the primary stress and the main stress performances during the realization of the phenomenon analyzed. In contexts in which the second vowel of a sequence between words has the primary stress, there was an inhibition in relation to the production of the rising diphthong. The same fact occurred in contexts in which the second vowel has the main stress. Besides, it was possible to check that the morphosyntactic class of the words involved plays a role in the production of the rising diphthong between words. We can highlight the fact that this production is inhibited when the second word of a sequence is a lexical word, independently of the class to which the first word belongs (lexical word, stressed functional word or clitic). In this sense, we achieved a scenario in which tendencies of the production of the rising diphthong between words are indicated in BP.

#### **Keywords**

rising diphthong; language variation; Brazilian Portuguese.

#### **Referências bibliográficas**

AGUILAR, Lourdes. Hiatus and diphthong: acoustic cues and speech situation differences. *Speech communication*, v. 28, p. 57-74, 1999.

BECKMAN, Jill. *Positional Faithfulness*. Tese (Doutorado), University of Massachusetts, Amherst, 1998.

BISOL, Leda. Sândi externo: o processo e a variação. In: KATO, Mary A. (org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002. p. 53-97.

\_\_\_\_\_. Sandhi in Brazilian Portuguese. *Probus*, v. 15, p. 177-200, 2003.

BOERSMA, Paul; WEENINK, David. *Praat: doing phonetics by computer (versão 5.0.27)* [programa de computador]. 2008. Disponível em <<http://www.praat.org/>>.

CASALI, Roderic F. Vowel elision in hiatus contexts: which vowel goes? *Language*, v. 73, n. 3, p. 493-533, 1997.

CHITORAN, Ioana; HUALDE, José Ignacio. From hiatus to diphthong: The evolution of vowel sequences in Romance. *Phonology*, v. 24, n. 1, p. 37-75, 2007.

GODÍNEZ JR., Manuel. An acoustic study of Mexican and Brazilian Portuguese vowels. *Hispania*, v. 64, p. 594-600, 1981.

HARRIS, James W.; KAISSE, Ellen M. Palatal vowels, glides and obstruents in Argentinian Spanish. *Phonology*, v. 16, p. 117-190, 1999.

HUALDE, José Ignacio; PRIETO, Mónica. On the diphthong/hiatus contrast in Spanish: some experimental results. *Linguistics*, v. 40, n. 2, p. 217-234, 2002.

HUME, Elizabeth. Representing the duality of glides. *Les actes du congrès: langues e grammaire* 1, 1994.

LADEFOGED, Peter. *A course in phonetics*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1982.

LEVI, Susannah V. *The representation of underlying glides: a cross-linguistic study*. Tese (Doutorado), University of Washington, 2004.

MCCARTHY, John J.; PRINCE, Alan L. Generalized Alignment. In: BOOIJ, Geert; van MARLE, Jaap (eds.). *Yearbook of Morphology*. Dordrecht: Kluwer, 1993. p. 79-153. Disponível em: <[http://works.bepress.com/john\\_j\\_mccarthy/33/](http://works.bepress.com/john_j_mccarthy/33/)>.

NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris, 1986.

NEVINS, Andrew; CHITORAN, Ioana. Phonological representations and the variable patterning of glides. *Lingua*, v. 118, p. 1979-1997, 2008.

PADGETT, Jaye. Glides, Vowels, and Features. *Lingua*, v. 118, p. 1937-1955, 2008.

ROCA, Iggy. There are no “glides”, at least in Spanish: an optimality account. *Probus*, v. 9, p. 233-265, 1997.

ROSENTHALL, Samuel. *Vowel/glide alternations in a theory of constraint interaction*. Tese (Doutorado), University of Massachusetts-Amherst, 1994.

ROSENTHALL, Sam. The distribution of prevocalic vowels. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 15, p. 139-180, 1997.

SIMIONI, Taíse. *A variação entre ditongo crescente e hiato na realização de segmentos vocálicos contíguos*. Monografia de conclusão de Curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

\_\_\_\_\_. *A alternância entre ditongo crescente e hiato em português: uma análise otimalista*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

\_\_\_\_\_. A variação entre ditongo crescente e hiato em Porto Alegre (RS). *Todas as letras*, v. 10, n. 1, p. 130-138, 2008.

TURK, Alice; SHATTUCK-HUFNAGEL, Stefanie. Word-boundary-related duration patterns in English. *Journal of phonetics*, v. 28, p. 397-440, 2000.

VIEIRA, Maria José B. As vogais médias postônicas: uma análise variacionista. In: BISSOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (orgs.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p.127-159.

## ANEXOS

### *Primeiro texto*

Meus amigos sempre me procuram quando estão com problemas, dizem que eu sei escutar e que dou bons conselhos. Por isso, tenho que ouvir cada coisa! E o pior, tenho que prestar atenção pra poder dar os sábios conselhos que esperam de mim. Vou dar alguns exemplos. Tenho um amigo que sempre come alguma coisa quando está ansioso. Na verdade, ele come a primeira coisa que encontra na geladeira. Todas as vezes que ele fala comigo, digo que ele precisa de tratamento, mas não adianta, ele não procura um especialista. Com outra amiga, o caso chega a ser engraçado; ela não tem sorte com os namorados. É sempre a mesma coisa. Uma semana ela chega animada e diz: “Ele disse que me ama, ele disse que me ama muito”. Duas semanas depois, ela aparece chorando: “Mas ele disse que me amava, ele disse que me amava muito”. Tem o que dizer? A última dela é um namorado árabe. Quando ela chegou com a novidade, todos olharam para aquele árabe. Aliás, por onde eles passam, todos olham para aquele árabe estranho. Tem ainda outra que não sabe dizer “não” pra ninguém. Ela reformou o apartamento e disse que odiou a pintura da sala, que agora era azul cintilante. Perguntei por que ela tinha escolhido essa cor. Ela simplesmente respondeu: “O pintor escolheu aquele azul porque quis.”. E ela insistiu: “O pintor escolheu aquele azul cintilante porque quis.”. Tentei explicar pra ela que o apartamento era dela e que, portanto, ela deveria escolher a cor da tinta, mas não adiantou, ela disse que não queria magoar o pintor que tinha sugerido a cor. E eu tenho que aguentar isso!

### *Segundo texto*

Sempre fui o engraçadinho da turma. Tenho um repertório de piadas que não acaba mais. E tudo começou com aquela “Gosta de amora? Vou contar pro teu pai que tu namora.”. Fraquinha, mas na época de escola funcionava pra irritar minhas colegas. Meu alvo preferido era a Carlinha. A distraída sempre respondia “sim”. Acho que até hoje, sempre que ela come amora, ela se lembra de mim. E as lembranças não devem ser boas nem quando ela come amoras docinhas.

Esses dias me contaram uma piada. Como todo mundo sabe que coleção piadas, sempre tem alguém me contando algumas novas. Tenho que ouvir umas bem sem graça. Mas esses dias me contaram uma piada engraçada. A parte ruim é que não me lembro dela. Só me lembro que tem um velho rabugento e que todos os dias ele come alho. Na verdade, ele come alho esmagado.

Há um tempo atrás, eu tinha até “assistentes” que me ajudavam a aumentar a coleção. Sempre que eles ouviam uma história boa, eles copiavam tudo, ou, pelo, menos, eles copiavam o que conseguiam. Cheguei a fazer um livro com a coleção de piadas. Fui em várias editoras e entreguei uma cópia. Meu erro foi tentar economizar no xerox e fazer cópias horríveis. Só isso justifica nenhuma editora ter me dado uma resposta, porque as piadas eram realmente boas.